

## Pensamentos nunca imaginados. Coisas que ninguém jamais viu.

O que é que atrai os homens e faz para eles do obscuro ou o espaço desconhecido uma possibilidade vertiginosa que se abre em leque como um convite? A ponto de nessa empresa a vida não temer se extinguir? Noutros momentos parece que o ardor do homem ou o desejo de luz que é a sua palavra não aspiram senão a se confortarem consigo mesmos no temor à aventura, na projeção e na reprodução luminosa que dominam o espaço. Recriando para si mesmo um útero imaginário à base de luz ou um espaço ideal, protegendo-se assim do enigma em que se constitui o espaço aberto. Hoje, na rua, quantas vezes não se é indiferente a uma coisa qualquer, indigna de atenção e imperfeita ao lado de um dístico em neon ou de uma auréola do mesmo material? Tudo o que se quer ser visto e se anunciar, para se fazer crer, se reveste do mesmo traje, e o deslocamento de um corpo ou a experiência do espaço em comparação com o exibicionismo luminoso se convertem ao imperceptível.

*aponta-la*  
A experiência do espaço, em vez disso, é a experiência da obscuridade, de *aponta-la* através da percepção. Essa sensação é a de se internar no escuro, equivale para uma pessoa qualquer a ter a estabilidade precária da chama de uma vela. Esse momento de esquecimento dos limites, em que o espaço se faz num vir indistinguível com o tempo, é obviamente anterior à construção de qualquer sentido. Ou sucede à sua derrocada. Não vamos mais para onde íamos antes, e presos de alguma beleza que nos chama a atenção, nos deixamos ficar esquecendo-nos de tudo o mais. A sensação de estar parado não tem lugar aí. Em vez disso, os movimentos que observamos nessa hora no espaço se tornam nossos, serão as nossas emoções. Somos então o sinal de quê?

Que rumo tomar? É preciso a coragem de sentir o medo. Este será o melhor companheiro nessa hora. O medo antecipa uma morte provável, ou é o seu mensageiro, e é ao lado dela que surge com mais intensidade e em toda evidência, para nós, as forças do mundo. O dilema da direção, desta maneira, é o do próprio sentido ou valor da vida, que a morte exige com uma clareza que nenhuma outra força iguala. A navegação para descobrir, como era praticada na Renascença, sendo

uma forma desse dilema, era a cada momento uma dança com o impen-sável e o obscuro. A ciência, através do jogo empírico de alguns elementos e da vontade de avanço das suas descobertas, também dá lugar a esse gênero de experiência. Mas num sentido bastante limitado. Em vida, a experiência prefere o erro, e em troca disso, no espírito de empiria, que é o da ciência, interessa mais o cadáver da experiência, a experiência submetida, do que ela propriamente em curso. A figura do navegador da Renascença que ia para descobrir, arriscando a vida ao mesmo tempo em que media o rumo, conciliava todas essas possibilidades, da experiência viva e da ciência, do corpo e da inteligência, radicando o saber no próprio corpo, fazendo dele o campo de experiência, sem servir com certeza a senhor nenhum. A experiência do espaço através desse saber que se constitui num bailado no mar, onde sensação, decisão e inteligência se confundiam num ato, significou para os olhos e as vontades mortificados pelo serviço a linguagem que o cristianismo e a escolástica pediam, uma paixão nova. Ao corrermos os olhos pelas primeiras linhas da obra de Galileu, "Sidereus Nuncius" (mensagem, ou mensageiro das estrelas), publicada em 1610, com afirmações enfatizando coisas que ninguém jamais viu e pensamentos que ninguém jamais teve, ou as descobertas de astros novos no espaço físico e materialização do espaço...<sup>9</sup> verificamos que mesmo a pesquisa científica, de mais de um século depois das descobertas, e com toda a sua aspiração à frieza e de respeito às leis, mesmo assim ainda tem do tom de excitação que marcava a aventura do conhecimento no período da Renascença. Nesse quadro de época, as cartas de Américo Vespúcio são as únicas a portarem efetivamente esses valores, a proclamarem aos quatro ventos e de forma aberta e total, sem nenhum ascetismo místico, mas para maior ênfase da aventura, essa alegria que depois seria regulamentada e submetida a outros valores. Então, só os selvagens testemunharam-na, sendo-lhe nessa jornada companheiros. Daí talvez a identificação que nascerá em alguns espíritos...

Na Europa civilizada, essa sensação de descobrir e de desnudar o novo era uma exceção ou algo próprio a um momento fugidio na vida de uma pessoa. Enquanto valor capaz de instaurar uma prática de vida ou um sentido, o amor do novo só existia para alguns espíritos investigativos, e mesmo assim, entre esses, só para os que escapavam da influên-